

ENTRE ECOS DE AÇO E UTOPIAS

UM DIÁLOGO ENTRE AS POÉTICAS DE MARCOS ROBERTO E HAL WILDSON

Em Darcy Ribeiro, a formação e a construção do Brasil enquanto Estado-Nação parte do desejo e necessidade colonial de uma unificação baseada na aculturação, em grande parte forçada, dos grupos étnicos aqui presentes. Sejam eles originários, sejam importados por demanda escravagista ou de mão-de-obra barata, essa centralização justificava-se no bem comum e no fortalecimento do Estado, cuja soberania se devia defender. Porém, a partir da pasteurização histórica dada, de que forma se dá a criação de identidade?

Apoiados nos discursos decoloniais da segunda metade do século XX, tanto em Hal Wildson quanto em Marcos Roberto, a reescrita da história brasileira e, logo, sua representação, surge fundamental no processo de devolução aos povos tradicionais o protagonismo que lhes cabe na composição cultural, simbólica e estrutural do país, na defesa da verdade reivindicada por grupos historicamente oprimidos e na retomada de sua relevância enquanto entes sociais.

O primeiro utiliza como meio de elaboração de suas obras os instrumentos de registro físico dos documentos que, a princípio, deveriam materializar a presença de determinado indivíduo em um corpo social político complexo. Contudo, questiona de que forma esses documentos são capazes de engendrar nossa existência no mundo. Já o segundo parte da inversão: a mão-de-obra antes emprestada à indústria, retoma sua independência para servir exclusivamente a outro propósito. Como plataforma para sua expressão, as placas de metal que anteriormente faziam parte da sua rotina de trabalho transformam-se em espaços de denúncia. A invisibilidade é também capaz de criar identidade?

Está no complexo identidade-apagamento o ponto de convergência entre ambos. Para Marcos, o retrato da realidade é acusatório. Em Hal, por outro lado, é propositivo. Para tanto, os artistas carregam si mesmos para o suporte: o levante popular, racializado e miscigenado, em tons de terra e sangue, pincelados ou grafados, com o objetivo de reestabelecer a memória ou expor a penúria com a qual o sistema posto corrobora e se sustenta. Trata-se de inventar o futuro que se quer a partir do reconhecimento de um Brasil esquecido - o Brasil das margens: tanto dos rios quanto das cidades.

HAL WILDSON

BARRA DO GARÇAS - MT, 1991

Hal Wildson é um artista multimídia e poeta de origem mestiça, nascido em 1991 no vale do Araguaia, região de fronteira entre Goiás e Mato Grosso, lugar determinante para entender a essência e as motivações de seu trabalho. Sua pesquisa emerge da sua vivência no sertão do centro-oeste, e dialoga com questões sociopolíticas que sustentam esse Brasil profundo (ainda desconhecido para muitos de nós). Nascido em uma estrutura familiar moldada por violência abandono, a história e o trabalho do artista se misturam, denunciando temas de um Brasil “esquecido”, fruto do coronelismo e do garimpo às margens do Rio Araguaia.



Desdobrando-se sobre o conceito de memória-esquecimento, identidade e a “escrita-reescrita” da história, o artista se apropria de processos para documentação utilizados nas últimas décadas, como datilografia, datilograma, carteiras de identidade e carimbos, além de materiais e processos técnicos usados para documentação oficial e, logo, capazes de registrar a história do país e assinalar individualidades. Em sua pesquisa, Hal Wildson utiliza-se desses recursos de documentação para questionar os projetos de “memória e esquecimento” aplicados como políticas de controle social - seu trabalho ousa confrontar e disputar o poder do simbólico como alternativa para criar realidades mais justas.

O que nossa carteira de identidade tem a dizer sobre nós? Qual o projeto de país simbolizado em uma bandeira? O que nos determina como povo e como esses documentos são capazes de forjar nossa forma de existir e atuar no mundo?

Investigando documentos, objetos e símbolos nacionais, a sua pesquisa se estrutura em dois pilares, sendo um deles a “Ninguentude”, palavra que é um desdobramento do conceito de “ninguendade” de Darcy Ribeiro: “o primeiro brasileiro nasce sendo ninguém, um indivíduo sem pai, sem mãe, em uma terra em formação, um novo lugar, um novo povo se formando [...] cheio de contradições, violências, abismos”. Nesse ponto a história do Brasil e a trajetória pessoal do artista se assemelham simbolicamente - para Hal, nessa busca, ao tornar-se alguém nasce a identidade ou o que entendemos dela: “Ninguentude” - Identidade / Memória-Esquecimento.

Mas como é possível deixar de ser Ninguém para se transformar em Alguém? Como acontece o processo da criação de uma identidade? Como o esquecimento também é capaz de criar uma memória?

Indicado ao prêmio PIPA de 2024, o artista apresentará sua primeira exposição solo no exterior após ser selecionado pelo júri do programa Breeze - iniciativa da embaixada do Brasil em Londres, em parceria com a ABACT e a Latitude (Plataforma para Galerias Brasileiras no Exterior), que tem por objetivo promover a arte contemporânea brasileira no mercado internacional. Ainda, mantém sua presença no circuito europeu com a exibição de dois trabalhos na Bienal de Lucca, na Itália. O evento é uma mostra de arte, arquitetura e cultura com ênfase em trabalhos de papel.

Ainda assim, o vexame internacional do futebol brasileiro se aprofunda mundialmente. O Brasil, o país do futebol, com toda a despesa de manter o esporte em nível mundial, não consegue vencer as grandes equipes europeias. Por isso mesmo, mediante pagamento de indenizações, o futebol brasileiro é vendido a um dos mais ricos clubes do mundo, o Real Madrid, que, com seus jogadores, conquistou o título de campeão mundial de clubes.

Enquanto isso, o Brasil, que antes, com seus jogadores, conquistou o título de campeão mundial de clubes, não consegue vencer as grandes equipes europeias. Por isso mesmo, mediante pagamento de indenizações, o futebol brasileiro é vendido a um dos mais ricos clubes do mundo, o Real Madrid, que, com seus jogadores, conquistou o título de campeão mundial de clubes.

Mas, o Brasil — ou melhor, a estreita faixa de fronteira já explorada — ainda não possui tal produto. A terra se torna fértil para a economia europeia, mas não se torna prazerosamente fértil para a economia brasileira. A terra se torna fértil para a economia europeia, mas não se torna prazerosamente fértil para a economia brasileira.

Mas, o Brasil — ou melhor, a estreita faixa de fronteira já explorada — ainda não possui tal produto. A terra se torna fértil para a economia europeia, mas não se torna prazerosamente fértil para a economia brasileira. A terra se torna fértil para a economia europeia, mas não se torna prazerosamente fértil para a economia brasileira.

(241) Éste es su juicio y opinión sobre la virtud y el placer.
(242) Y creen que a través de la razón humana no puede encontrarse nada más verdadero que esto a menos que algo más divino sea inspirado al hombre desde el cielo."⁹ (243) Si opinan bien o no sobre esto ni el tiempo nos permite, ni es ahora

bien o no sobre esto ni el tiempo nos permite, ni es ahora

Como primeira tentativa de transplantação e cultivo de um produto, os portugueses trazem de Cabo Verde a cana-de-açúcar.

... ..

que
prego por essa nova mercadoria. De um momento
o, o Brasil, então, se torna importante, no mercado
Como as despesas dessa fabricação primitiva do
o quase nulas, pois as terras e o plantio nada custam
vos nos engenhos são de todos os animais de trabalho
aratos, os lucros ascendem rapidamente e a riqueza



Através do fragmento de imagens históricas de diferentes décadas, eu crio uma imagem ficcional apoiada em uma base fragmentada da realidade. Questionando o conceito e a origem da Utopia Brasileira me debruço em pesquisa documental utilizando técnicas de documentação para criar uma imagem documental-ficcional debatendo temas contemporâneos e questionando a forma como contamos e registramos a história. De que forma os símbolos e os documentos oficiais são capazes de forjar uma nação? E de que forma uma nação é capaz de forjar quem somos? Como a Literatura e como o Oficial podem determinar essas relações de ficção e realidade determinantes na construção da nossa sociedade?



LEVANTE DAS GARÇAS

utopia original

123 x 87 cm
Datilografia e carimbo sobre
fragmentos dos livros "Utopia
Selvagem", "Brasil: País do Futuro",
entre outros
2024



FLORESTA IMAGINADA

utopia original

123 x 87 cm

Datilografia e carimbo sobre
fragmentos dos livros "Utopia
Selvagem", "Brasil: País do Futuro",
entre outros
2024





Poronominare

A vida da aldeia gira ao redor de Calibí. Para os índios todos, ele é o amigo. Para Orellão, o tuxana é um plandejo.

— Ao invés de investir-se na dignidade da chefia para assumir o comando e pôr ordem na aldeia, se democratiza em galiticos: é um palhaço!

Para Tivi, ele é um alento e um desafio: ganhá-lo para a santa fé é sua tarefa. Através dele ela está certa de que ganhará os índios todos para o Reino de Deus.

Darcy Ribeiro



Utopia Selvagem

Saudades da Inocência Perdida

— Uma Fábula —



entendi o Filho do homem em os tempos de sua infância, os ventos e os ventos também
meus olhos sobre os olhos para jogar a luz sobre os olhos de Israel. Não há
de creio que não os olhos que pertenciam a los olhos tribus de Israel
serão jogados por los Apolônios, para por los olhos tribus de Israel
entenderem sobre los olhos que pertenciam a los olhos tribus de Israel. Los
los serão jogados, porque los olhos vs. Los olhos Apolônios que los
entenderem, no jogados vs. Cito, porque no jogados Jellay e Pablo, que
entendi mais que los olhos, no entendi porque de la persona Jellay, de
como dice: «Jellay que jogamos a los Apolônios. Los Apolônios per
sobre propriamente a los que todo lo abandonamos por seguir a Jellay, e
y así lo prometido a los Apolônios, que los olhos, de donde: «Cito lo
abandonamos por seguir, Jellay recompensa nos Jellay. Jellay dice también
respeto de «Cito lo prometido a los Apolônios, y lo dice con tanto. En
efecto, lo prometido, como se ve, dice, entendi sobre los ojos de los
homens que Jellay sendo bom o mal de los ojos de este mundo: es tal que
para la verdad del juicio es necesario que la mente del para está descom
puesta de aquella mente que nos olhos del juicio, tanto por lo mismo que
la mente es totalmente entendi a las cosas terrestres, hay mérito para la
dignidad Jellay. La predicción de los propósitos divinos es también men
sura de esta prerrogativa, y por eso se dice en sus Mateo, XXV: «Cito
vendrá a jugar con sus Apolônios, entendiendo por Jellay a los predica
tes, como dice sus Apolônios en el libro de la Pastoral: «Conviene es que
los que han entendido los propósitos de la vida, de donde los actos de los
homens Jellay y la observancia de los propósitos divinos. Por con
tanto, Jellay Jellay en cuanto cooperar a que cada uno conozca la
verdad de su salvación o de su propia condenación, así como lo de los de
los Apolônios Jellay. Los Apolônios Jellay se dice que Jellay a los Jellay
Jellay a los Jellay. Esta predicción Jellay de Cito es la que con
viene Jellay de los Apolônios cuando dice: «Cito de allí ha de
Jellay a los Jellay y a los Jellay».

CAPÍTULO CCXLVI DE LOS EFECTOS TOMADOS POR CITO

Así como fue conveniente que el Hijo de Dios, tomando la naturaleza
humana para la salvación del género humano, mostrase en esta naturaleza
el fin de la salud humana por la perfección de la gracia y la sabiduría, así
también conviene que en la naturaleza humana tomada por el Verbo de
Dios, existiera con ciertas condiciones que fuesen conformes al modo más
propio para el estado del género humano. El modo más propio y conve
niente era que el hombre que había perecido por la injusticia, fuese resan
tado por la justicia. El orden de la justicia exige que el que se ha desviado
de pena por el pecado que cometió, se libere de la pena sufrida. Y
como parece que nosotros hacemos o sufrimos en nosotros mismos lo
que hacemos o sufrimos por nuestros amigos, es justo a que el amor es una
fuerza creante que hace en cierto modo de dos personas que se aman una
sóla persona, no es contrario al orden de la justicia que un culpable sea li
berado del castigo que merece, por la satisfacción de un amigo. Por el pa
sado del primer padre, la predicción se hizo extensiva a todo el género hu
mano, y la expiación de un hombre culpable no era suficiente para liberar
al género humano todo entero. En efecto, no era una satisfacción natu
ralmente digna y equitativa la que habían ofrecido un sólo hombre
para la libertad de todo el género humano. Tampoco era suficiente,
en rigor de justicia, que un ángel, por amor al género humano, ofreciese
satisfacción, porque un ángel no tiene una dignidad inferior para que su sa
tisfacción pudiese ser suficiente para pecados y seres inferiores. Dios sólo
tiene una dignidad inferior, y podía ofrecer para el hombre una satisfacción
suficiente, equivalente de su culpa. De ahí, por consiguiente, tomar la na
turaleza humana con condiciones tales, que pudiese sufrir por el hombre lo
que el hombre había merecido por su pecado, para que sus sufrimientos
pudiesen satisfacer por el hombre. Todo castigo merecido por el hombre
por causa de su pecado no era debido para la satisfacción, porque el pe
cado del hombre merece de que se alze de Dios y se entregue a las cosas para
pena. El hombre es castigado bajo uno y otro aspecto, porque está priva
do de la gracia y de los dones de Dios, por cuyo medio se une a Dios y su
bien. Los dones de Dios son los dones de Dios, y los dones de Dios son los
dones de Dios. Erán por consiguiente necesarias satisfacciones

no (Madré, Convento, por consiguiente, que, nacido para establecer en
su integridad todo lo que había sido corrompido, no destruyes en su na
cimiento una integridad extinta.

CAPÍTULO CCXLVI DE LOS EFECTOS TOMADOS POR CITO

Así como fue conveniente que el Hijo de Dios, tomando la naturaleza
humana para la salvación del género humano, mostrase en esta naturaleza
el fin de la salud humana por la perfección de la gracia y la sabiduría, así
también conviene que en la naturaleza humana tomada por el Verbo de
Dios, existiera con ciertas condiciones que fuesen conformes al modo más
propio para el estado del género humano. El modo más propio y conve
niente era que el hombre que había perecido por la injusticia, fuese resan
tado por la justicia. El orden de la justicia exige que el que se ha desviado
de pena por el pecado que cometió, se libere de la pena sufrida. Y
como parece que nosotros hacemos o sufrimos en nosotros mismos lo
que hacemos o sufrimos por nuestros amigos, es justo a que el amor es una
fuerza creante que hace en cierto modo de dos personas que se aman una
sóla persona, no es contrario al orden de la justicia que un culpable sea li
berado del castigo que merece, por la satisfacción de un amigo. Por el pa
sado del primer padre, la predicción se hizo extensiva a todo el género hu
mano, y la expiación de un hombre culpable no era suficiente para liberar
al género humano todo entero. En efecto, no era una satisfacción natu
ralmente digna y equitativa la que habían ofrecido un sólo hombre
para la libertad de todo el género humano. Tampoco era suficiente,
en rigor de justicia, que un ángel, por amor al género humano, ofreciese
satisfacción, porque un ángel no tiene una dignidad inferior para que su sa
tisfacción pudiese ser suficiente para pecados y seres inferiores. Dios sólo
tiene una dignidad inferior, y podía ofrecer para el hombre una satisfacción
suficiente, equivalente de su culpa. De ahí, por consiguiente, tomar la na
turaleza humana con condiciones tales, que pudiese sufrir por el hombre lo
que el hombre había merecido por su pecado, para que sus sufrimientos
pudiesen satisfacer por el hombre. Todo castigo merecido por el hombre
por causa de su pecado no era debido para la satisfacción, porque el pe
cado del hombre merece de que se alze de Dios y se entregue a las cosas para
pena. El hombre es castigado bajo uno y otro aspecto, porque está priva
do de la gracia y de los dones de Dios, por cuyo medio se une a Dios y su
bien. Los dones de Dios son los dones de Dios, y los dones de Dios son los
dones de Dios. Erán por consiguiente necesarias satisfacciones

195

Os índios pretendem ter aprendido a tomar a Droga-Forte com
um homem-santa, amante da mulher-sucub.

— Conversa fluída — diz Tivi. — Mafiação do capeta. A verdade
que se esconde atrás dessa balda, vivível pra quem quer saber, pra
quem sabe ver, é que a tal fluída não era nenhuma cobra, era o
próprio capeta que se transfigurou em mulher. Quem, sendo o diabo
— ou no caso uma diaba —, seria capaz dessas manobras? — indaga
Tivi e continua: — O índio que trouxe o segredo do Capai pra cá
enganou o Anta e ficou no lugar dele para fornecer com Sucuri. No
primeiro encontro, não sabendo como agradar ao desconhecido que
caiu em cima dela, a cobra se transformou em macaca, mas não deu
certo: era muito estreita. Depois, se fez de rã, escorrega demais. Al
ligeirinho, experimentou ser veada e preguica: foi tudo ruim. Com
raiva, ela virou onça, e o homem se apavorou, quase fugiu. Como
nenhuma dessas figuras agradou a ele, a dema se lembrou de entrar
na forma de mulher surrucadora: foi aquela orga!

— Assim aquele índio se perdeu, largou a família e foi levado pras
profundezas — conclui Tivi. E passou a trabalhar a conversa por tuxana
que tinha chegado e estava ali ao lado. Nessa conversa se atirapichou
toda. Ele, primeiro, concordou com a interpretação dela:
— É verdade, esse Capai tem toda pista de ser coisa do diabo. Tudo
o que ele faz é torço, mas é gostoso e poderoso. O Capai bem pode
ser do demônio. Voce também, Tivi. — Desde então, passou a chamar Tivi
de Diaba de Deus.
— Voce precisa é tomar Capai. Diaba, pra entrar no barato e se



FLORESTA MARGINAL

utopia original

123 x 86 cm
Datilografia e carimbo sobre
fragmentos dos livros "Utopia
Selvagem", "Brasil: País do Futuro",
entre outros
2024



REFLORESTAR O IMAGINÁRIO

utopia original

123 x 86 cm

Datilografia e carimbo sobre
fragmentos dos livros “Utopia
Selvagem”, “Brasil: País do Futuro”,
entre outros
2024





REFLORESTA UTOPIA

utopia original

123 x 86 cm
Datilografia e carimbo sobre
fragmentos dos livros "Utopia
Selvagem", "Brasil: País do Futuro",
entre outros
2024

maior de todas as censuras da insensibilidade humana os atos pelas
quais, por dinheiro, e só por dinheiro, se bandidos do comércio
ensoparam durante meio século os olhos no sangue de milhões
de desgraçados que nenhuns olhos haviam feito. Por sua vez
a atual geração, desejosa de romper definitivamente a estreita
solidariedade que ainda existia entre o país e o tráfico de africa-
nos, pede hoje a execução de uma lei que não podia ser revogada
e que todos os africanos em cativeiro sendo bons
têm direito de considerar como a sua carta de
liberdade rubricada pelo nome do imperador.

Admita-se a validade da lei escrita dos escravos
que as gerações
conservam até ao último

os que lá estavam
esses que não
nos mesmos
e os que lá estavam
1830 a 1830 de um
assim entregues à lavoura
quando sendo hum

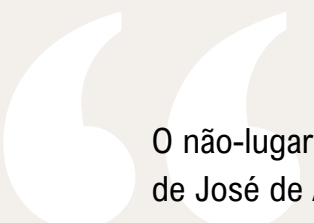
X. Ilegalidade da escravidão

As nações os homens devem muito prezar
a sua reputação."

Eusébio de Queirós

na memória que
a semente do

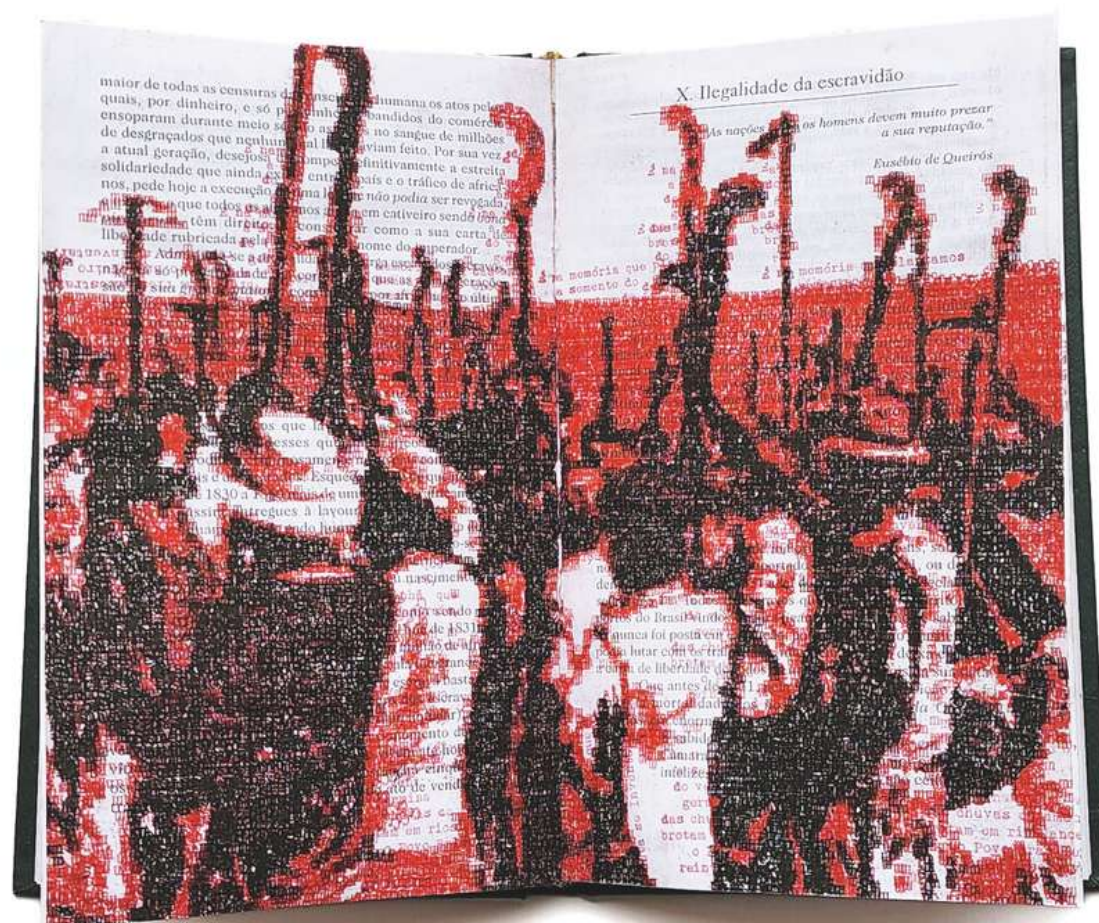
na memória que
a semente do



O não-lugar da utopia brasileira, habitado pelo destemido Peri (O Guarani, 1857) de José de Alencar, o indolente Macunaíma (1928) de Mário de Andrade, ou mesmo o tenaz e crítico Pitum (Utopia Selvagem, 1982) de Darcy Vargas, incorporam-se à nossa produção literária na aspiração de criar, reconstituir ou decifrar o que constitui uma suposta brasilidade. Tomam de empréstimo as noções humanísticas e estilísticas de seu tempo, é claro, mas o concebem, mais ou menos criticamente, através da inscrição de uma imagem sobre as culturas que formam a plural identidade brasileira. Vistas sob a ótica de uma elite letrada, fazem da alteridade o delineado sob o qual valores morais e cativos preenchem e coloreem tais narrativas. Se a ideia de utopia é cara para Hal Wildson, seria errôneo afirmar que esta opera em seu trabalho sob o desejo de reconstrução destas bases. O não-lugar proposto por sua Re-Utopya carrega, antes, o prefixo cujo sentido é tanto o de repetição como o de reforço, e é nesta chave de leitura que podemos elaborar a maneira na qual seus trabalhos se inscrevem na história: recuperar a força contida na construção de uma utopia brasileira, cujos postulados se fincam sobre as filosofias Teko Porã, desenvolvida pelo povo Guarani, e Ubuntu, cuja origem é associada aos povos sul-africanos Zulu e Xhosa, encontrando em ambas o princípio de igualdade e harmonia que estrutura as imagens de um Brasil avesso à colonialidade.

LUCAS ALBUQUERQUE

curador



PENSAMENTO BRASILEIRO VOL. I

utopia original

27 x 21 cm

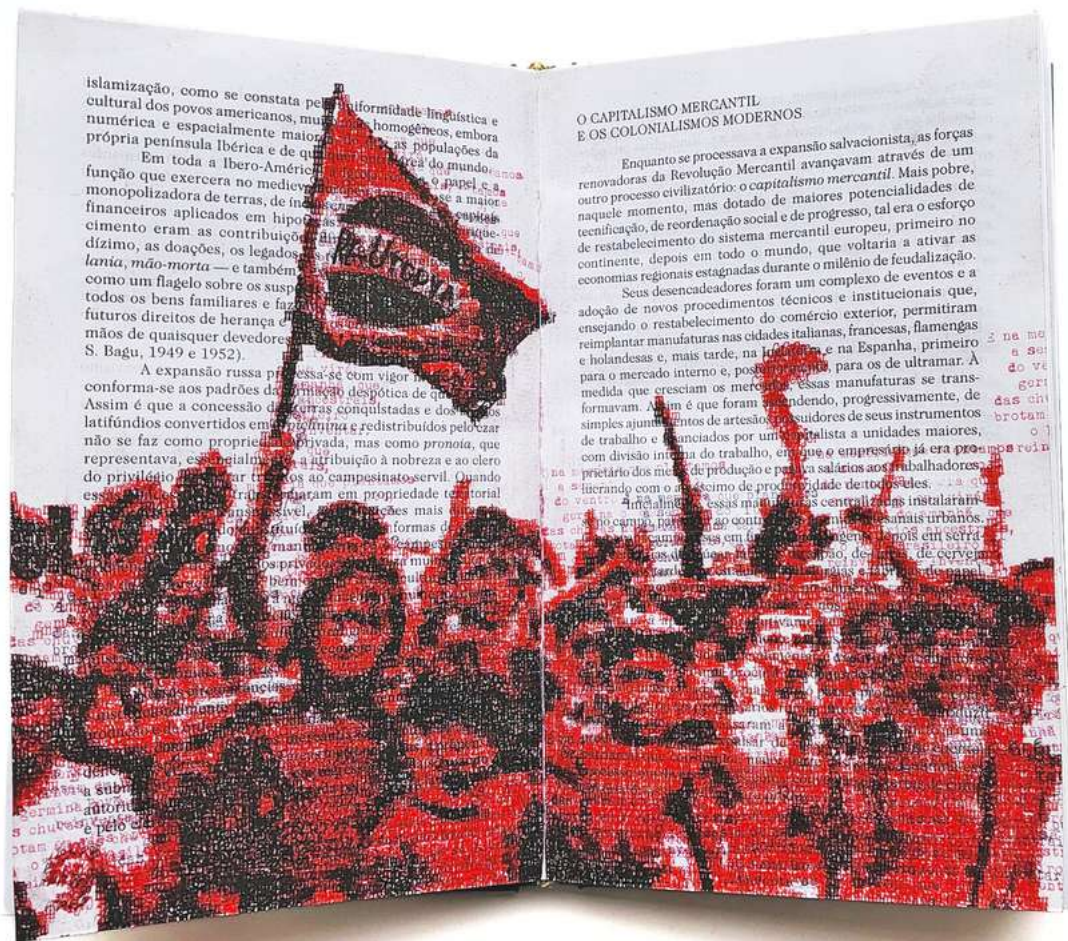
Datilografia e carimbo sobre livro

2023



PENSAMENTO BRASILEIRO VOL. III
utopia original

27 x 21 cm
Datilografia e carimbo sobre livro
2023



PENSAMENTO BRASILEIRO VOL. V

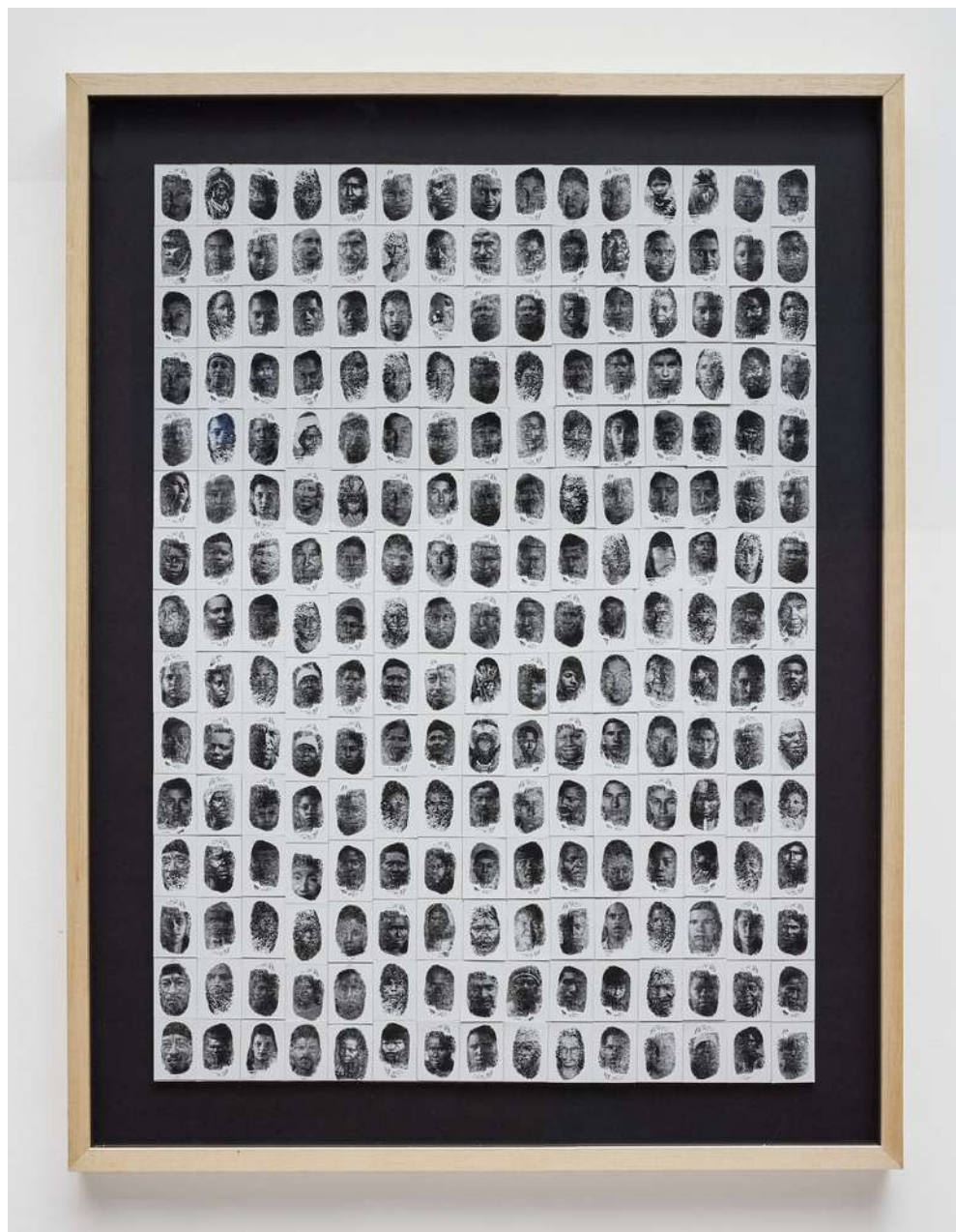
utopia original

27 x 21 cm

Datilografia e carimbo sobre livro

2023





SINGULARIDADES [225 DIGITAIS]

singularidades

80 x 62 cm

Técnica mista sobre papel algodão

2020-2022

MARCOS ROBERTO

BAURU - SP, 1989

Nascido em Bauru, município do centro-oeste do estado de São Paulo, Marcos Roberto mudou-se para a capital paulista em 2013 para cursar artes visuais na Faculdade Paulista de Artes (FPA). Desde seu retorno para o interior, o artista autodeclarado ativista e antirracista, tem empregado materiais de descarte como suporte para seu trabalho. Imerso no âmbito da reciclagem, utiliza metal, papelão, madeira e concreto em suas obras.

Com um discurso assertivo sobre questões político-sociais, Marcos Roberto defende a denúncia como meio necessário para o completo rompimento com as afirmações de verdade das grande narrativas eurocêntricas, sustentadas, segundo Cida Bento, pelo pacto de uma branquitude narcísica, que mantém o silêncio sobre seus privilégios e sobre seu passado escravocrata para que, dessa forma, garanta ainda hoje seu acesso aos lugares concretos e simbólicos de poder.

Para tanto, parte da inversão: a mão-de-obra antes emprestada à indústria, retoma sua independência para servir exclusivamente ao seu propósito. Como plataforma para sua expressão, as placas de trânsito que anteriormente faziam parte da sua rotina de trabalho transformam-se em folhas de caderno, panfletos e espaços de denúncia. Faz das suas telas-chapas um lugar de registro e reescrita da história brasileira, onde busca restituir o protagonismo dos povos tradicionais, em especial aqueles originários, na construção efetiva, simbólica e cultural do país.

Todas as composições do artista carregam o peso da sua biografia. A esfera social que a política ignora é protagonista nas mãos de Marcos que, ao subverter de maneira irônica os símbolos de conforto e sucesso da burguesia, os reconstrói a partir da real violência e exploração necessária para construí-los. Provocativo, legível, educativo e direto.

Marcos Roberto fez residência artística no Instituto Incluzartiz, onde produziu alguns dos trabalhos de sua individual “Páginas para um tempo em branco” (Galeria Movimento, 2023). Possui obras nas coleções: Frances Reynolds, FAMA - Fábrica de Arte Marcos Amaro e MNBA - Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.





Escrevemos a saga do povo esquecido,
Nas margens do eurocentrismo arrogante,
Navegamos nas águas revoltas,
Embarcamos nos navios das memórias ancestrais,
Recontamos a história, pelo olhar daqueles que resistiram.

Não meçamos a grandeza em ouro e esplendor,
Mas na luta de um povo esquecido,
Somos mais que relatos de conquistadores,
Somos vozes silenciadas a ecoar.

Com tinta e revolta, escrevemos,
Nestas páginas esquecidas da história,
Nosso verso é canto de resistência,
Firme como a mão que rompe o aço,
O Brasil ressurge em vermelho brasa,
Na mão do povo, que não cede ao cansaço.



ÁGUAS REVOLTAS

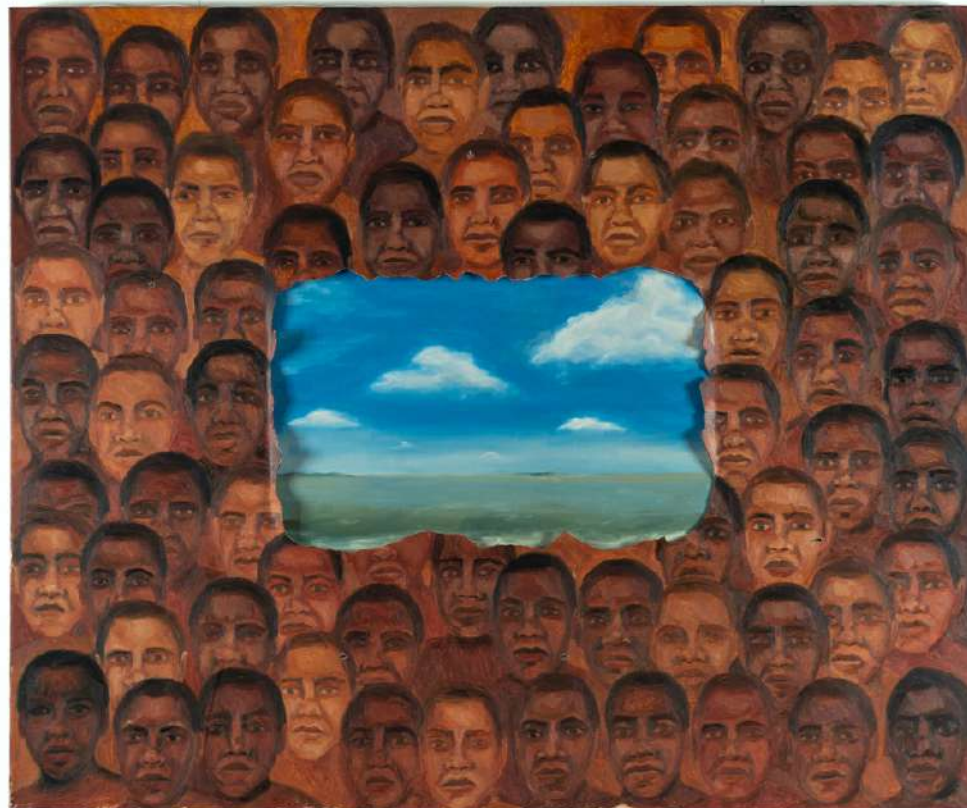
páginas para um tempo em branco

100 x 120 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024





UM NOVO HORIZONTE POVOA I

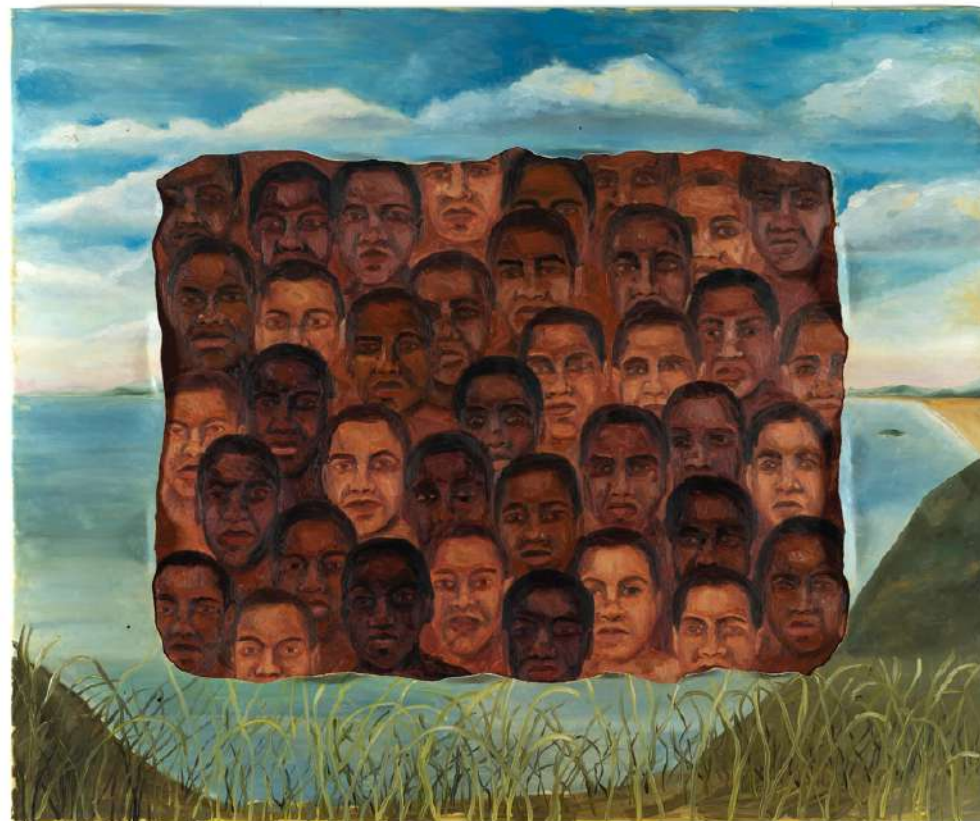
páginas para um tempo em branco

100 x 120 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024





UM NOVO HORIZONTE POVOA II

páginas para um tempo em branco

100 x 120 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024

PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

páginas para um tempo em branco

30 x 42 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2022



O MITO DA REDENTORA

páginas para um tempo em branco

30 x 42 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2022





No Brasil, o futuro é duvidoso e o passado é incerto, tanto que até a autoria dessa frase é duvidosa, não achei a quem atribuir.

Tenho a tese de que precisamos recontar a história do Brasil, dos apagados, esquecidos ou negligenciados ao longo do tempo. Precisamos resgatar suas histórias e reconhecer suas contribuições para construir uma narrativa mais inclusiva e precisa sobre nossa nação.

A história oficial do Brasil é contada através da perspectiva dos poderosos, dos líderes políticos e das elites dominantes. Esse enfoque tende a glorificar figuras como os “governantes” e os “conquistadores”, deixando de lado a riqueza e a complexidade das experiências das pessoas comuns.

Os verdadeiros heróis brasileiros são os trabalhadores, os movimentos sociais, as comunidades indígenas, quilombolas, as mulheres e os grupos marginalizados que lutaram e continuam lutando por justiça social, igualdade de direitos e melhores condições de vida. São aqueles que contribuíram para a formação do nosso país e mesmo assim nunca apareceram nas pinturas de René Moreaux, no retrato da família imperial.



RETRATO DA FAMÍLIA IMPERIAL - FRANÇOIS-RENÉ MOREAUX

páginas para um tempo em branco

100 x 120 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa de aço carbono

2023

SEM ESTADO-NAÇÃO (BANDEIRANTE DOMINGOS JORGE VELHO)

páginas para um tempo em branco

111 x 36 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa de aço carbono
2022





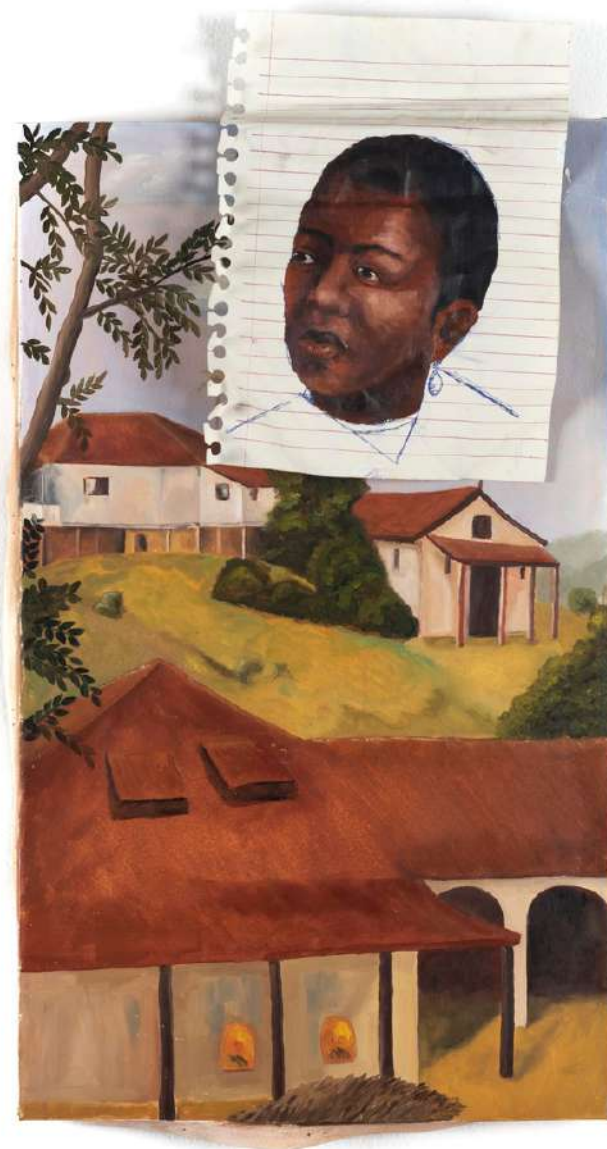
POSICIONAMENTO

páginas para um tempo em branco

60 x 37 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024





POSIÇÃO PRIVILEGIADA

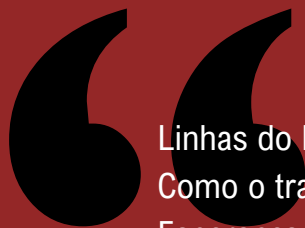
páginas para um tempo em branco

60 x 37 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024





Linhas do horizonte se estendem no além,
Como o traço inicial na folha em branco,
Esperança ecoa no peito do trabalhador,
Que anseia por escrever uma nova história.

Passos firmes percorrem a jornada árdua,
Enquanto sonhos dançam no pensamento,
Cicatrizes do passado contam sua saga,
Mas a promessa do amanhã é a força que o mantém.

No caderno em branco, a caneta cintila,
Palavras fluem como rios desenfreados,
Trabalhador tecendo sua saga gloriosa.

Cada rabisco é um grito de liberdade,
Cada verso, um testemunho de resiliência,
Pois nas linhas do horizonte, encontram-se os sonhos,
E na folha em branco, nasce a esperança da mudança.



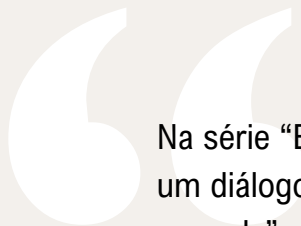


LINHAS DO HORIZONTE

páginas para um tempo em branco

35 x 35 cm (cada)

Óleo e esmalte industrial sobre metal
2024



Na série “Eu sou negra, a fome é amarela e dói muito”, Marcos Roberto parte de um diálogo com a escritora e poetisa Carolina Maria de Jesus. “A cor da fome é amarela”, escreveu ela, explicando que quando o limite da fome passa do suportável, as coisas do mundo ficam em um tom só - amarelado.

Aqui, os pratos de metal esmaltado têm seu fundo pintado de amarelo. Sobre ele, vemos corpos fragilizados, em situação de vulnerabilidade, alguns pedindo ajuda, outros mais apáticos. Há uma atmosfera de isolamento nessas imagens, não só pelas situações às quais elas nos remetem, mas também porque essas cenas não trazem um cenário.

É nesse fundo amarelo que tudo acontece. E essa é uma escolha de Marcos Roberto: evidenciar o prato como parte do trabalho e também a presença dessas pessoas e das situações em que se encontram – normalmente camufladas pelo cenário onde estão e pelo que acontece ao redor delas.

FERNANDA LOPES
curadora





EU SOU NEGRA, A FOME É AMARELA E DÓI MUITO

Ø22 cm
Óleo e tinta esmalte sobre prato de metal esmaltado
2021

Obra reproduzida no catálogo da exposição "Maria Carolina de Jesus: Um Brasil para os brasileiros"



EU SOU NEGRA, A FOME É AMARELA E DÓI MUITO

Ø22 cm
Óleo e tinta esmalte sobre prato de metal esmaltado
2021

Obra reproduzida no catálogo da exposição “Maria Carolina de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”



EU SOU NEGRA, A FOME É AMARELA E DÓI MUITO

Ø22 cm
Óleo e tinta esmalte sobre prato de metal esmaltado
2021

Obra reproduzida no catálogo da exposição "Maria Carolina de Jesus: Um Brasil para os brasileiros"



EU SOU NEGRA, A FOME É AMARELA E DÓI MUITO

Ø22 cm
Óleo e tinta esmalte sobre prato de metal esmaltado
2021

Obra reproduzida no catálogo da exposição “Maria Carolina de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”



EU SOU NEGRA, A FOME É AMARELA E DÓI MUITO

Ø22 cm
Óleo e tinta esmalte sobre prato de metal esmaltado
2021

Obra reproduzida no catálogo da exposição "Maria Carolina de Jesus: Um Brasil para os brasileiros"

MERCADORIA

descartáveis-habitáveis

Os países colonizadores, enxergavam os países colonizados não apenas como territórios a serem explorados, mas também como mercadorias a serem controladas e exploradas para benefício próprio. Durante a era colonial, as potências colonizadoras buscavam não apenas mercadorias para seus produtos, mas também mão-de-obra barata e áreas para expandir seu poder e influência.

Essa mentalidade de ver os países colonizados como mercadorias reflete uma visão imperialista que desumaniza as populações locais e as trata como recursos a serem explorados em prol do enriquecimento das potências colonizadoras. Essa exploração muitas vezes levava à devastação econômica, social e cultural das regiões colonizadas, enquanto os colonizadores lucravam com a exploração de seus recursos e pessoas.

Mesmo após o fim do colonialismo formal, essa mentalidade persiste de várias formas, incluindo liberalismo, exploração econômica, cultural e desigualdades estruturais no comércio nacional e internacional. Os países colonizados continuam a ser vistos como fontes de lucro e recursos para os países colonizadores, em vez de parceiros igualitários. Essa mentalidade de ver os países colonizados como mercadoria perpetua.

MARCOS ROBERTO

junho, 2024







MERCADORIA

100 x 100 cm
Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono
2024



MERCADORIA

28 x 18 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024





MERCADORIA

100 x 100 cm
Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono
2024



A moradia, apesar de ser um direito constitucional garantido a todos, sempre é tratada como uma mercadoria. A crescente especulação imobiliária e a valorização dos imóveis fazem com que a moradia se torne um objeto de lucro e investimento, distanciando-se da sua essência de direito básico e dignidade humana. A transformação da moradia em mercadorias agrava a desigualdade social, dificultando o acesso às camadas mais vulneráveis da população a condições de moradia adequada. É essencial agirmos sobre essa questão e buscar políticas que garantam o direito à moradia como um bem social.





MERCADORIA MORADIA

36 x 30 x 20 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024

Obs: USAR O ELEVADOR DE
SERVIÇO.

MERCADORIA MÃO DE OBRA

146 x 94 x 10 cm

Óleo e esmalte industrial sobre chapa
de aço carbono

2024



A NOVA JANGADA

fosse honesto o desenho utilitário

No panorama da arte contemporânea brasileira, a obra "A Nova Jangada" de Marcos Roberto se destaca como uma crítica mordaz às disparidades sociais, utilizando como ponto de partida uma sátira ao ícone do design moderno brasileiro: a poltrona "Jangada" de Jean Gillon. Criada em 1968, a poltrona Jangada é uma peça de mobiliário que se inspira nas embarcações tradicionais brasileiras, confeccionada com materiais nobres como Jacarandá maciço, cordas de algodão e estofamento em couro natural. Este objeto de desejo, que hoje alcança valores superiores a R\$ 100.000,00 no mercado, vale-se não apenas da sua excelência como ícone do design moderno brasileiro, mas também dos seus consequentes marcadores sociais de status e exclusividade.

Marcos Roberto, em sua versão "A Nova Jangada", construída a partir de materiais reciclados como sucata, alambrado e papelão, propõe uma reflexão incisiva sobre a frase "estamos todos no mesmo barco". Através desta reinterpretação, o artista desvela a ironia contida nessa afirmação, evidenciando a profunda desigualdade que estrutura a sociedade brasileira. Sua obra questiona, de forma crítica, a quem pertence o privilégio de "descansar em jacarandá e couro" e quem é relegado a dormir em papelão.

Esta sátira não apenas desafia o valor atribuído aos objetos de design como símbolos de luxo e poder, mas também reflete sobre a própria condição humana dentro de um espectro social marcado por extremos de riqueza e pobreza. "A Nova Jangada" transcende a crítica ao objeto de design, tornando-se um manifesto sobre as desigualdades que compõem o tecido social brasileiro. Ao subverter o uso de materiais, Marcos Roberto coloca em xeque a noção de valor, tanto artístico quanto social, provocando uma reflexão sobre as dinâmicas de exclusão e inclusão na sociedade contemporânea.

A obra de Marcos Roberto, portanto, não se limita a uma crítica ao design ou ao luxo, mas expande-se para uma análise mais ampla das estruturas sociais e econômicas que definem as experiências de vida no Brasil. "A Nova Jangada" é um convite à reflexão sobre as contradições de um país onde a beleza e a criatividade convivem lado a lado com a desigualdade e a exclusão. Através desta peça, o artista nos convida a questionar: em que tipo de "barco" estamos navegando e quem tem o privilégio de escolher sua embarcação?

EQUIPE MOVIMENTO

junho, 2024

movimento



A NOVA JANGADA

mercadoria

107 x 90 x 82 cm

Ferro, papelão, fita adesiva e alambrado
2024

Feira
de Arte

Art
Fair

ArPa



ArPa 2024

GALERIA MOVIMENTO

Setor Principal
Stand E5

26.06 a 30.06
quarta-feira a sábado | 13h00 às 20h30
domingo | 11h às 18h